

A marcha da recuperação

A consolidação da retomada do crescimento econômico nos Estados Unidos é um fato que ganha importância a cada dia que passa. Grandes expectativas nascem nos países em desenvolvimento, em consequência das possibilidades de maiores exportações que tal processo significa, ainda que no âmbito de um quadro de grande protecionismo no comércio internacional. Nesse sentido, é necessário examinar alguns dados recentes sobre a tão decantada retomada, de modo a se conhecer melhor seu alcance e seus limites.

No setor industrial, os analistas norte-americanos acreditam que a indústria automobilística desempenhará papel fundamental na recuperação (o crescimento das vendas é estimado em 10%), enquanto isso não signifique necessariamente a geração de maior garantia contra a concorrência dos produtos japoneses. Estes mantêm uma faixa de 25% do mercado dos EUA, mesmo com os limites acordados pelos próprios japoneses em 1981, quando decidiram restringir a colocação de seus modelos, permitindo à indústria local retomar um pouco de fôlego.

Otimismo maior é encontrado no ramo químico, onde a continuidade do ritmo de crescimento atual poderá assegurar incremento de 15% nas vendas em relação a 1983, totalizando cerca de US\$ 220 bilhões. Aqui também há riscos, pois, durante a recessão, muitas empresas fecharam suas portas e a capacidade ociosa do setor ainda não chegou a ser preenchida, verificando-se um nível de aproximadamente 25% nos dias de hoje. O segmento do aço necessita urgentemente de boa recuperação, após passar dois anos com graves problemas e prejuízos de mais de US\$ 5 bilhões entre 1982 e 1983.

O grande deslanche deverá mesmo continuar com a indústria eletroeletrônica, que não consegue nem mesmo prever com exatidão o crescimento das vendas em 1984. O único obstáculo parece residir na própria capacidade de produção e de fornecimento das matérias-primas. O mercado encontra-se sob forte impacto da agressividade das principais empresas, que alocam crescentes verbas para fins de pesquisa e desenvolvimento, o meio considerado mais certo para superar o obstáculo mencionado.

No setor agrícola, são positivas as perspectivas de preços, após três anos de dificuldades. Depois da redução voluntária de área financiada pelo governo em 1983, e da seca, o nível dos estoques voltou a ser compatível com uma boa sustentação das cotações, gerando um efeito em cadeia sobre a indústria de insumos.

Todo esse otimismo não chega a representar aquilo que se poderia pensar em termos de benefícios para os países em desenvolvimento. Os norte-americanos enfrentarão um ano eleitoral e essas nações sofrerão inevitavelmente com isso. Restrições à importação de uma série enorme de produtos estão sendo decretadas, englobando o aço, artigos têxteis, commodities agrícolas, etc. Vale a pena recordar também que os norte-americanos não desistiram de incluir o comércio de serviços no âmbito do Gatt, além de excluir um número crescente de países (entre os quais o Brasil) do Sistema Geral de Preferências.

Assim, nota-se que as armas da recuperação são várias, passando pelos investimentos em nova tecnologia e pelo recrudescimento do protecionismo. Nesse contexto, as nações em situação mais delicada devem a todo custo procurar obter melhores condições de administração de sua dívida, caso contrário a retomada da economia norte-americana aprofundará perigosamente o fosso no plano financeiro e tecnológico.

A longo prazo, os próprios países desenvolvidos teriam de enfrentar os problemas decorrentes da falta de mercados externos para absorver seus excessos comerciais, principalmente se optarem por maiores doses de protecionismo no plano comercial.